

BOBALJIK, Jonathan. Morfologia Distribuída: uma entrevista com Jonathan Bobaljik. *ReVEL*, vol. 13, n. 24, 2015. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. Revisão técnica de João Paulo Cyrino. [www.revel.inf.br].

## **MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA – UMA ENTREVISTA COM JONATHAN BOBALJIK**

**Jonathan David Bobaljik<sup>1</sup>**

University of Connecticut

**REVEL – Na sua opinião, quais são os principais avanços da Morfologia Distribuída no que diz respeito à compreensão da gramática e da linguagem humana?**

**Bobaljik** – A Morfologia Distribuída (MD) é, fundamentalmente, uma ideia sobre a arquitetura da gramática e a relação entre seus vários componentes. A MD fornece uma base para se pensar problemas morfológicos não de forma isolada, mas em termos de conexões específicas com a sintaxe, a morfologia e a semântica. Já se reconhece, entre diversos modelos, o fato de que a alguns aspectos da gramática (como os padrões de sincretismo) não é possível aplicar explicações fonológicas ou sintáticas. Antes, eles são melhor formalizados em termos puramente morfológicos (digamos, hierarquias sobre traços, talvez melhor compreendido como refletindo a estrutura interna de traços complexos). Muitos contrastes de traços que são relevantes para a sintaxe e para a semântica são neutralizados na morfologia (por exemplo, os pronomes de primeira pessoa em muitas línguas não têm gênero, ou ainda algumas classes de palavra que não têm Caso), ainda que as distinções subjacentes pareçam ser relevantes para a sintaxe. A MD acrescenta uma medida de transparência no que diz respeito à relação entre a sintaxe e a morfologia.

---

<sup>1</sup> <http://bobaljik.uconn.edu/JDB/Home.html>

O ponto inicial é a ideia de que as representações sintáticas, para as quais conseguimos fornecer evidência sintática independente, devem servir como *input* para as operações morfológicas. Se tomarmos uma relação direta entre a sintaxe (interna à palavra) e a morfologia como hipótese nula, forçamo-nos a jogar luz em casos em que a estrutura morfológica e a estrutura sintática não se alinham. Os princípios básicos da MD nos forçam a fazer perguntas sobre a natureza desses desalinhamentos e sobre os limites da variação. Dessa forma, a MD fornece ferramentas para pensarmos não apenas sobre como a evidência sintática pode corroborar a análise morfológica, mas também o contrário: como a evidência morfológica pode embasar a sintaxe. Esse é um tema na minha pesquisa sobre comparativos e superlativos, por exemplo. Acredito que exista evidência morfológica substancial (generalizações robustas em padrões morfológicos irregulares, como as supleções) que exija que as representações sintáticas subjacentes devam ter propriedades particulares – a abordagem da MD nos permite ligar-os-pontos entre os componentes gramaticais dessa forma.

**REVEL – A Morfologia Distribuída contém uma série de propostas sobre os componentes da gramática, como a organização ramificada de PF (cf. Embick & Noyer, 2001, Embick, 2010, Arregi e Nevins 2012) e a natureza dos primitivos que alimentam o componente sintático (se as raízes são abstratas ou não, por exemplo). Com isso em mente, seria possível dizer que a Morfologia Distribuída figura como um programa de pesquisa que inclui um conjunto de teorias sobre a organização da gramática, em que apenas duas suposições básicas permanecem constantes, a saber: (i) Estrutura Sintática Externa e Interna à palavra e (ii) Inserção Tardia<sup>2</sup>?**

**Bobaljik** – Sim, isso está no núcleo da MD. E é o que o termo “distribuída” quer dizer: o papel do “morfema” clássico é distribuído em (pelo menos) dois componentes: (i) uma lista de elementos atômicos, mas abstratos, que servem como *input* para as regras combinatórias (sintaxe) e (ii) regras de inserção de vocabulário que proporcionam a realização fonológica desses elementos. O que torna esse programa de pesquisa instigante é que a evidência vinda da sintaxe (e da semântica

---

<sup>2</sup> No original: (i) *Syntax-all-the-way-down* e (ii) *Late Insertion*. N. T.

também) para alguma estrutura às vezes está em desacordo com a evidência aparente advinda da investigação em expoentes manifestos – encontramos ordens de afixos inesperadas, disparidades no número de pedaços (morfemas) que poderiam ser esperados, entre outras coisas do tipo. Teorias de MD particulares formam propostas para uma teoria mais restritiva sobre como os dois tipos de representação (sintático\abstrato e morfológico\manifesto) podem variar.

Uma maneira de abordar as disparidades aparentes pode ser enriquecendo o aparato sintático, postulando uma sintaxe mais complexa e reduzindo o conteúdo do componente morfológico. Uma ideia importante na MD é que ao menos algumas das complexidades aparentes no nível morfossintático são produto de dois sistemas, relativamente simples, que interagem: um estilo de sintaxe do tipo “concatenar-e-mover” (*merge-and-move*) e uma morfologia que manipula o *output* da derivação sintática, de forma a integrá-lo com o componente fonológico da gramática.

Algumas das questões que vocês mencionaram – por exemplo, a questão da abstração das raízes – estão fortemente relacionadas com a literatura em MD, mas transversalmente aos princípios centrais da MD. Seria possível vislumbrar uma arquitetura da MD em que as raízes têm categorias, ou mesmo uma teoria com raízes de categoria neutra, fora da perspectiva da MD. Outro trabalho que vocês mencionaram é mais central: o estudo de Arregi & Nevins (2012) sobre o auxiliar em basco compromete-se explícita e implicitamente com questões muito importantes sobre as maneiras em que a variação de superfície nas formas de palavras pode ou não coincidir com a variação sintática.

**REVEL – Desde o trabalho de Marantz (2000), muitas propostas diferentes para uma teoria de fases dentro da formação de palavras foram levadas adiante na Morfologia Distribuída. Qual é a relevância de uma abordagem baseada em fases para uma teoria sintática de formação de palavras? Quais dessas propostas parecem trazer evidências mais robustas para delimitar as fronteiras das fases?**

**Bobaljik** – As questões fundamentais aqui são sobre localidade, e me parece que as questões mais interessantes são sobre por que diferentes processos obedecem as condições de localidade que obedecem e como (ou *e se*) os domínios de localidade dos diferentes componentes estão relacionados. As propostas em sintaxe têm tido a tendência de voltar a três domínios distintos: o sintagma nominal, a oração e alguma projeção funcional verbal intermediária; com uma dúvida em aberto sobre se esses domínios são determinados inerentemente (certas categorias são designadas núcleos de fase) ou contextualmente (por exemplo, como argumentamos em Bobaljik & Wurmbrand, 2005: o complemento verbal de um verbo lexical é inerentemente uma fase, independentemente do rótulo ou do núcleo de sua projeção máxima). Em morfologia, encontramos processos internos à palavra, sobretudo a alomorfa contextual (sendo a supleção o caso limite) que parece estar sujeita a domínios de localidade. A hipótese nula poderia estipular que o que quer que determine uma propriedade de domínio no nível sintático-sintagmático deveria determinar essa mesma propriedade de domínio dentro da palavra morfológica, dentro de um nó X<sup>o</sup> complexo. Para pegar um exemplo programático, se alguns núcleos tornam o conteúdo de seu irmão opaco para outros processos, então, no melhor dos casos, poderíamos esperar encontrar correlações entre condições sobre extração em sintaxe e condições correspondentes sobre restrições contextuais de alomorfa, por exemplo.

Em termos gerais, isso parece ser promissor, ainda que existam muitas questões em aberto para ser resolvidas (cf., por exemplo, Embick, 2010, ou os trabalhos recentes de Tobias Scheer, numa perspectiva distinta). Olhar tudo isso é complicado, já que as fases sintáticas mais claras (CP e DP/NP) também são domínios sobre os quais a formação de palavras (movimento de núcleo) tipicamente não ocorre, deixando as fases intermediárias (vP ou AspP, por exemplo) como a área na qual podemos encontrar as perguntas mais interessantes. Creio que uma linha promissora de pesquisa seja olhar para as diferenças (morfo)fonológicas entre verbos e substantivos: se houver um domínio-limite intermediário (fase núcleo) na “espinha da oração” (as projeções de V até T e C) e se os verbos flexionados incluírem os núcleos de V até T, incluindo esse núcleo de fase, então poderíamos esperar efeitos fonológicos cíclicos em verbos que não possuem nomes correspondentes. Por exemplo, se a silabificação proceder por domínios, haverá mais domínios internos nos verbos do que nos substantivos. Essa é uma área pronta para novas investigações,

no molde, por exemplo, do texto de Newell e Piggott na revista *Língua* (2014), entre outros trabalhos relacionados. Num viés diferente, Harðarson (2013) amplia o tipo de abordagem de “fase dinâmica” de Bobaljik & Wurmbrand a interações morfofonológicas dentro de palavras complexas, baseando-se em evidências de compostos do islandês.

Também parece claro que há processos morfofonológicos (acento, harmonia vocálica) que não ficam confinados a domínios particulares. Isso sugere que, se tivermos uma teoria geral de domínios, não será uma teoria em que os domínios (as fases, etc.) sejam completamente estanques ou categorialmente “impenetráveis” e imunes a operações de fora. Isso pode ser verdade também na sintaxe (por exemplo, as fases não limitam dependência de concordância entre o antecedente e um pronome, mesmo quando se trata de uma dependência gramatical de um quantificador ou de uma variável ligada).

Por isso, podemos chegar a uma modelo mais do tipo *Spell Out* Cíclico, de Pesetsky & Fox (2005), em que o efeito paralisador de domínios do tipo fase não é absoluto; apenas fixa certas propriedades das representações. Por isso, um programa de pesquisa muito interessante não apenas pergunta por que os domínios são esses ou aqueles (tanto na morfologia como na sintaxe), mas também pergunta quais são os processos que são sensíveis a esses domínios. Pode também haver assimetrias na direção das dependências – parece que a alomorfia na raiz (supletivismo) é fortemente condicionada com o núcleo que pode provocar mudanças na raiz (Moskal, em texto a ser publicado na *Linguistic Inquiry*, fornece novas evidências a respeito), mas as condições de localidade parecem ser menos rigorosas no que diz respeito a como classes idiossincráticas das raízes determinam alomorfia de núcleos funcionais mais periféricos.

**REVEL – Sobre seu livro mais recente, *Universals in Comparative Morphology: suppletion, superlatives and the structure of words* (2012), (ainda sem tradução no Brasil) levantamos duas questões: primeiro, como os estudos tipológicos podem influenciar pesquisas formais gerativas? Segundo, qual é a melhor maneira de desenvolver um estudo**

## **tipológico abrangente, em larga escala, de maneira paralela a um estudo formal de gramática?**

**Bobaljik** – Teorias gerativas formais são teorias explícitas de gramáticas possíveis e, por isso, de línguas possíveis também. Saber o que acontece no universo das línguas deveria ser, por isso, um ponto central ao empreendimento gerativo. Eu acho que um dos obstáculos para que possamos ver uma interação mais frutífera entre estudos tipológicos e estudos com abordagens formais gerativas esteja na granularidade das questões formuladas e em até que ponto estamos prontos para ver além das descrições de superfície para fazer perguntas sobre padrões em um nível superior de abstração. Isso já foi dito por muitos outros, e há uma excelente discussão feita por Baker & McCoskey no seu artigo “On the Relationship of Typology to Theoretical Syntax” (*Linguistic Typology* 11:273-284, 2007). Ali, eles discutem uma maneira de equilibrar a amplitude em função da profundidade na sintaxe – mas suas observações se aplicam também à morfologia.

Ao trabalhar no livro que vocês mencionaram, tive a sorte de encontrar uma área em que os dados relevantes são geralmente bem cobertos nas gramáticas descritivas e em que o nível de abstração necessário para ver padrões gramaticais extremamente robustos não fica muito longe da superfície. Contudo, ainda exige um pouco de escavação abaixo da superfície. Por exemplo, um estudo orientado aos padrões de superfície pode não notar que os superlativos às vezes são derivados pela adição de elementos morfológicos aos comparativos (como em húngaro, tcheco e ubykh), mas em muitos casos, tal processo não é visível na morfologia de superfície (como em inglês) e para por aí. Sem fazer perguntas teóricas sobre *o que explica o que*, fica difícil de enxergar além desse nível de observação; por isso, foi a pesquisa formal gerativa, fornecendo um modelo explícito para as condições de localidade do supletivismo (no meu caso), que impulsionou a questão de saber se a variação nas formas de superfície poderia ocultar uma unidade subjacente na estrutura (abstrata), como argumentei. Alguns pesquisadores falam em uma descrição que seja “neutra de teoria”, mas eu acho isso um equívoco – sempre existe algum nível de abstração em qualquer estudo, e acho que há uma tensão saudável na tentativa de encontrar o nível certo de abstração, onde podemos conectar os postulados teóricos a fenômenos observáveis, sobretudo nos estudos de grande escala.

Ao menos em alguns casos, a desconexão entre os estudos tipológicos e os gerativos pode estar calcada em desafios para relacionar as observações descritivas com as entidades teóricas. Acho, porém, que existe um amplo espaço para ambos os lados se beneficiarem. Teorias formais gerativas são modelos explícitos de gramáticas possíveis e impossíveis. Mesmo que elas falem de entidades que não sejam diretamente visíveis (constituintes, traços, movimento, etc.), as teorias sobrevivem ou caem não apenas por causa de noções de coerência interna, mas também por fazerem previsões empíricas acertadas. Além disso, estudos tipológicos podem fornecer evidências extremamente valiosas sobre generalizações interlinguísticas específicas e são um grande recurso para a identificação de desafios e áreas que necessitam de investigação mais aprofundada. Então, na minha opinião, em grande escala, os estudos interlinguísticos devem estar no centro do esforço gerativo formal, e, da mesma forma, a importância da hipótese de gramática universal dentro de uma teoria da cognição poderia muito bem informar os tipos de perguntas que podem ser proveitosamente investigados em estudos tipológicos de grande escala.

**REVEL – O senhor poderia sugerir uma lista de leituras (entre clássicas e recentes) sobre Morfologia Distribuída, para nossos leitores?**

Quatro trabalhos recentes oferecem uma exploração profunda sobre tópicos em MD:

Arregi, Karlos and Andrew Nevins 2012 *Morphotactics: Basque Auxiliaries and the Structure of Spellout*, Springer.

Bobaljik, Jonathan David 2012 *Universals in Comparative Morphology: Suppletion, Superlatives, and the Structure of Words*, MIT Press.

Embick, David 2010 *Localism versus Globalism in Morphology and Phonology*, MIT Press.

Kramer, Ruth to appear. *The Morphosyntax of Gender: Evidence from Amharic*. Oxford University Press

Os textos presentes em Matushansky & Marantz (2013) representam uma seleção do pensamento corrente em MD, por pesquisadores que contribuíram para o desenvolvimento do modelo.

Matushansky, Ora and Alec Marantz, eds. 2013. *Distributed Morphology Today: Morphemes for Morris Halle*. MIT Press.

Entre os trabalhos mais antigos, alguns dos mais citados em MD (tirando os artigos do estilo *overview*) e seus precursores imediatos são os seguintes:

Bonet, Eulàlia. 1991. *Morphology after syntax: Pronominal clitics in Romance*. MIT Press.

Halle, Morris and Alec Marantz. 1993. Distributed Morphology and the pieces of Inflection. In Ken Hale and Samuel Jay Keyser, eds. *The view from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*, Cambridge: MIT Press, 111-176.

Embick, David and Rolf Noyer. 2001. Movement operations after syntax. *Linguistic inquiry*, 32(4), 555-595.

Marantz, Alec. 1997. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. *University of Pennsylvania working papers in linguistics*, 4(2), 14.

Noyer, Robert Rolf. 1992. *Features, positions and affixes in autonomous morphological structure* (Tese de Doutorado, Massachusetts Institute of Technology).